



Cuiabá, 13 de julho de 2021.

Um ano depois

Pantanal segue seco

Página 6

Helder Faria

Impactos chegam às comunidades tradicionais

Página 7

Incêndios na região prejudicam o turismo

Página 8

Expediente:

**Mesa Diretora
2021/2023**
(XIX Legislatura)

Presidente
Max Russi (PSB)
1º Vice-Presidente
Dilmar Dal Bosco (DEM)
2º Vice-Presidente
Wilson Santos (PSDB)
1º Secretário
Eduardo Botelho (DEM)
2º Secretário
Janaina Riva (MDB)
3º Secretário
Delegado Claudinei (PSL)
4º Secretário
Prof. Allan Kardec (PDT)

Demais Deputados

Carlos Avallone (PSDB)
Dr. Eugênio (PSB)
Dr. Gimenez (PV)
Dr. João (MDB)
Elizeu Nascimento (DC)
Faissal Calil (PV)
Gilberto Cattani (PSL)
João Batista do Sindspen (PROS)
Lúdio Cabral (PT)
Ondanir Bortolini - Nininho (PSD)
Paulo Araújo (PP)
Sebastião Rezende (PSC)
Thiago Silva (MDB)
Ulysses Moraes (PSL)
Valdir Barranco (PT)
Valmir Moretto (REPUBLICANOS)
Xuxu Dal Molin (PSC)

SECOM / ALMT

Rosimeire Felfili
Secretária de Comunicação Social
Everaldo Jota
Secretário-Adjunto de Comunicação
Marcelo Klein
Supervisor Executivo de Comunicação
Ricardo Sardinha
Gerente de Marketing
Laís Costa Marques
Márcia Andreola
Editoras
Marcos Lopes
Gerência de Fotografia
Fabiano Cavalcanti de Albuquerque
Leonardo Bezerra Oliveira
Ricardo Sardinha
Projeto Gráfico e Diagramação
Fernanda Borges Armond
Revisora

EDITORIAL



O Pantanal mato-grossense ardeu em chamas no ano passado. Tivemos a pior seca e os incêndios florestais mais intensos das últimas cinco décadas, que culminaram na devastação da maior parte da fauna e flora do ecossistema. Cenas tórridas e as mais cruciantes vistas nesse momento e que estamparam – infelizmente – manchetes mundo afora. Tivemos vidas ceifadas. Isso mesmo, vidas perdidas! E diante da gravidade ambiental, tivemos que tomar decisões urgentes para salvar vidas. Foram necessárias ações integradas a favor do homem pantaneiro, do setor empresarial, e outros atores que vivem e dependem dos recursos naturais oferecidos pelo bioma. À vista disso, precisamos de planejamento e políticas ambientais responsáveis que promovam crescimento sustentável. É extremamente importante pensar e construir políticas públicas para o momento atual e para o amanhã. Trata-se de vida, e por isso

defendemos uma política constante de preservação. É urgente e necessário repensar as nossas práticas e hábitos de consumo. Na segunda edição do Jornal da Assembleia vamos mostrar os esforços dos deputados, da sociedade civil e das instituições governamentais na tentativa de aplacar essa devastação. Um ano depois da tragédia, voltamos ao município de Poconé – porta de entrada do Pantanal - para saber e ver o que foi feito e o que ainda estão fazendo para que os danos não se repitam neste ano. Sob a coordenação da Comissão de Meio Ambiente, Recursos Hídricos e Recursos Minerais do Parlamento mato-grossense, fizemos visitas *in loco*, viabilizamos recursos financeiros para aquisição de um helicóptero. Ainda, criamos um comitê de crise para atuar na prevenção e combate a incêndios florestais com intuito de integrar ações e garantir respostas rápidas dos diferentes órgãos e entidades. Abordamos, também, os prejuízos e esforços dos empresários do setor de turismo e como as comunidades tradicionais e a população pantaneira estão fazendo a manutenção e lutando pela sobrevivência com pouco que sobrou, mesmo em meio ao caos. Foi uma das piores lições ambientais que tivemos. Mais do que nunca, vamos respeitar e preservar o nosso maior patrimônio natural.

Boa leitura!

Deputado Max Russi
Presidente da Assembleia
Legislativa de Mato Grosso



PEQUENO EXPEDIENTE



Marcos Lopes

Mais peixes

A Assembleia Legislativa derrubou o Veto Total 40/2021 ao Projeto de Lei 126/2021, que institui o Programa de Repovoamento de Peixes nas barragens de usinas hidrelétricas e pequenas centrais hidrelétricas de Mato Grosso. Com isso, entra em vigor o projeto do deputado Allan Kardec (PDT) que busca recuperar o equilíbrio ambiental prejudicado pelas atividades das usinas e PCHs, devolvendo espécies nativas aos rios. Além disso, o projeto vai contribuir para a geração de empregos e renda às populações ribeirinhas.

Documentário

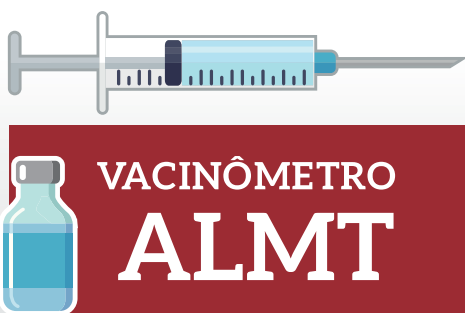
A TV Assembleia lançou na primeira semana de julho o documentário Pantanal – Futuro Incerto. Além de mostrar os estragos provocados pelos incêndios de 2020 e alertar sobre o que está por vir, o vídeo também levanta um debate importante sobre questões determinantes ao ecossistema. As filmagens começaram ainda no período das queimadas e se estenderam até os trabalhos de prevenção neste ano. O material está sendo exibido pela TVAL, canal 30.1



J.L. Siqueira

Comitê de Crise

A Assembleia Legislativa e o Ministério Público do Estado estudam criar um comitê de crise para atuar na prevenção e combate a incêndios florestais. O objetivo é integrar ações e garantir respostas rápidas dos diferentes órgãos e entidades da sociedade civil organizada. No comitê também será possível compartilhar informações sobre os trabalhos desenvolvidos, investimentos e possíveis parcerias.



Última atualização em 09/07

Até agora
foram vacinadas

30.300 pessoas

no Centro de Vacinação da
Assembleia



f facealmt @ assembleiamt



CENTRO DO DEBATE

Pantanal é pauta no Poder Legislativo estadual



Laís Costa Marques

Há um ano, o número de focos de calor no Pantanal era um prenúncio do segundo maior incêndio florestal registrado na maior planície alagável do mundo. Entre janeiro e junho de 2020, o Instituto Nacional de Pesquisa Espacial (Inpe) registrou 2.534 focos de calor na região compreendida entre os estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Para se ter uma ideia, o volume é 85% maior do que o registrado até 30 de junho deste ano.

Depois disso, a seca e o vento foram os combustíveis perfeitos para o incêndio de 2 milhões de hectares, incontáveis mortes de diferentes espécies de animais, problemas de saúde para os cidadãos, prejuízos financeiros para população que vive na região e para todo o estado. Em setembro, órgãos governamentais, pantaneiros, militares e civis estavam mobilizados para combater, ou pelo menos amenizar, o fogo que consumia o Pantanal.

Neste contexto, a Assembleia Legislativa de Mato Grosso (ALMT) também se mobilizou para acompanhar os trabalhos realizados a fim de mitigar os prejuízos e, principalmente, discutir políticas públicas que pudessem evitar novas tragédias.

“No ano passado, todos foram pegos

de surpresa e a Assembleia buscou dar apoio às ações que estavam em execução. Para este ano, todo nosso trabalho foi voltado a encontrar soluções”, explica o presidente da Comissão de Meio Ambiente, deputado Carlos Avallone (PSDB).

As soluções vão desde a discussão e aprovação de orçamento para órgãos como Corpo de Bombeiros Militar e Secretaria de Estado de Meio Ambiente (Sema), passam por parcerias com a bancada federal e

“Esse ano todo o trabalho foi voltado para encontrar soluções”

chegam à contratação de estudos técnicos para orientar o desenvolvimento sustentável da região. Tudo paralelamente à realização de reuniões mensais com representantes de todos os órgãos estaduais envolvidos, da sociedade civil, institutos de pesquisas e deputados estaduais, federais e senadores, para acompanhar o trabalho de prevenção e o plano de ação em caso de incêndios.

O primeiro-secretário da Assembleia Legislativa, deputado Eduardo Botelho (DEM), destaca que o

prejuízo para o meio ambiente foi devastador, assim como para os moradores da região. “Acompanhamos de perto a tragédia ocorrida em decorrência das queimadas, que devastou boa parte da fauna e flora do nosso bioma, no ano passado. Trabalhamos em conjunto com a bancada federal pela criação do Estatuto do Pantanal, para ajudar na preservação sustentável dessa biodiversidade e firmamos contrato com a Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) e governo do estado para elaborar estudo técnico e subsidiar a atividade pecuária no bioma”.

O presidente da ALMT, deputado Max Russi (PSB) autorizou a mobilização das comissões para aprovar alterações no orçamento estadual e até destinação de recursos do Legislativo, caso necessário.

Para o deputado estadual Lúdio Cabral (PT), que realizou duas audiências públicas para debater os problemas do Pantanal, o incêndio era “tragédia anunciada”. “Faltou planejamento. Se os órgãos responsáveis observassem o monitoramento pluviométrico na região pantaneira, a catástrofe ambiental do ano passado poderia ter sido prevista e até evitada, ou pelo menos minimizada”.



INVESTIMENTOS

R\$ 43 milhões para combate a incêndios florestais

R\$ 70 milhões para Corpo de Bombeiros Militar

Aplicação dos recursos:

Capacitações e Instalações

- ♦ 2 brigadas volantes
- ♦ 1000 militares capacitados
- ♦ 16 brigadas municipais capacitadas
- ♦ 150 brigadas em comunidades tradicionais
- ♦ 100 pilotos civis

Aquisições

- ♦ 1 helicóptero
- ♦ 40 caminhonetes
- ♦ 1 torre de rádio amador

Projeto de Lei nº 953/2020
Dep. Wilson Santos

Institui o Dia do Pantanal.

Projeto de Lei nº 769/202
Dep. Paulo Araújo

Institui campanha permanente de conscientização e prevenção a queimadas.

Projeto de Lei nº 801/2020
Dep. Thiago Silva

Autoriza o trabalho de pessoas em situação de cumprimento de pena no combate a incêndios e catástrofes naturais.

Projeto de Lei nº 804/2020
Dep. Dr. Gimenez

Autoriza o uso de drones na fiscalização de queimadas pela Polícia Militar Ambiental e Corpo de Bombeiros.

Projeto de Lei nº 807/2020
Dep. Wilson Santos

Proíbe as queimadas na Amazônia Legal enquanto perdurar o estado de calamidade pública.

Projeto de Lei nº 824/2020
Dep. Faissal

Institui a Semana Estadual de Conscientização, Prevenção e Combate à Prática de Queimadas e dá outras providências.

Projeto de Lei nº 841/2020
Dep. Eduardo Botelho

Cria o "Grupo de Atendimento Emergencial para Animais Silvestres do Pantanal Mato-Grossense - GAEAS".

Projeto de Lei nº 151/2021
Dep. Dr. João

Institui o selo "Pantanal Sustentável".

Projeto de Lei nº 156/2021
Dep. Allan Kardec

Institui o Dia de Conscientização da preservação do Pantanal.

Projeto de Lei nº 235/2021
Dep. Dr. João

Declara de Utilidade Pública Estadual o Instituto Pantanal Amazônia de Conservação - IPAC.

Projeto de Lei nº 244/2021
Dep. Allan Kardec

Institui a Política Estadual de Proteção das Baías do Pantanal.

Projeto de lei nº 504/2021
Dep. Allan Kardec

Torna obrigatória de instalação de Sistema de Ecobarreiras na rede hidrográfica estadual que desaguam no Pantanal.

UM ANO DEPOIS

Pantanal segue seco

Setores se unem para evitar novas tragédias



O pasto seco ilustra a nova realidade da pecuária pantaneira.

Haroldo Assunção e Laís Costa Marques

O ciclo das águas no Pantanal, composto por seca, enchente, cheia e vazante é um fenômeno natural para todo o ecossistema da região. Fauna, flora e a população pantaneira se adaptaram para viver neste eterno “ir e vir” das águas. Mas desde o ano passado, o vir está mais raro, os rios, baías e corixos não enchem como antes e a seca chega mais cedo nas propriedades e municípios que compõem a planície alagada.

Este ano, de janeiro a junho, choveu apenas metade do volume esperado para o chamado 'período das águas'. De acordo com o climatologista Rodrigo Marques, da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), a seca avassaladora de 2020 foi provocada pelo deslocamento de correntes de ar frio mais para o sul – não houve a 'quebra' do anticiclone que atua neste período sobre o Centro-Oeste e sopra o ar seco para baixo, impedindo a formação de nuvens chuvosas.

E o cenário demonstra isso. No km 17 da rodovia Transpantaneira, a

represa natural da propriedade do produtor e empresário Guilherme Arruda está seca. O lugar, que já foi represa natural nos meses de julho, hoje é pasto seco.

“Como ter vazante, se não encheu?”

“Já vivemos secas piores, mas não tão cedo. Em 1970 houve uma seca severa que perdurou uns três anos e depois veio uma grande enchente. O Pantanal é cíclico e o pantaneiro sabe disso, está acostumado. Eu já vi secas no Pantanal, já vi inúmeras enchentes, mas nunca numa proporção como está este ano, não tivemos chuvas e enchente. Como ter vazante, se não encheu?”, desabafa Arruda.

O presidente do Sindicato Rural de Poconé, Raul Santos Costa, conta que o setor produtivo se aproximou do governo, do Corpo de Bombeiros Militar e da Assembleia Legislativa

para compor um grupo integrado de prevenção e combate a incêndios. Paralelamente, os próprios produtores criaram uma rede para dividir o Pantanal por áreas e as lideranças ficaram responsáveis por notificar as autoridades sobre incêndios e as demandas de cada uma.

O Sesc Pantanal, que há 24 anos tem a maior Reserva Particular de Patrimônio Natural (RPPN) do Brasil no Pantanal mato-grossense, foi um importante aliado no combate ao fogo e vem atuando na prevenção de novas tragédias.

“Criamos um comitê interno para o planejamento das ações de uma forma mais integrada, houve maior aporte de recurso para área de prevenção e combate e foram capacitadas brigadas civis e particulares. A mobilização do público também aumentou e esse trabalho precisa ser contínuo, ano após ano”, explica o ecólogo e gerente do Parque Sesc Baía das Pedras, Alexandre Enout.

VIDAS PANTANEIRAS

Impactos chegam às comunidades tradicionais



Ingridy Peixoto

A queda na qualidade da água, dos solos e dos peixes são algumas das consequências observadas pelas comunidades tradicionais do Pantanal mato-grossense. Na avaliação da coordenadora da Rede de Comunidades Tradicionais Pantaneiras, Claudia Sala, também foi impactado o modo de vida das comunidades.

“Há lugares em que crianças tiveram coceira depois de tomar banho no rio. Comunidades ribeirinhas estão precisando tratar a água para usar, pois hoje está inadequada para consumo e banho. É algo que nunca tínhamos pensado”, relata Claudia Sala. “Depois das incêndios, a chuva levou restos de animais e vegetação e a água ficou de má qualidade”, explica.

“O fogo, além de acabar com a nossa fauna e flora pantaneira, ainda deixou as cinzas que acabaram prejudicando os peixes e, em consequência, os pescadores que dependem disso para viver”, conta Vanda Aparecida dos Santos, do Comitê Popular do Rio Paraguai/Pantanal e Sociedade Fé e Vida.

Caminhos Possíveis - “Não queremos ficar dependendo de cestas básicas”, afirma Claudia Sala.

Para que isso não se repita, a coordenadora da Rede de Comunidades Tradicionais Pantaneiras defende a criação de um plano de prevenção e mitigação do fogo, ouvindo as comunidades.

De acordo com a professora da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat) e ecologista Solange Ikeda, pesquisas apontam uma diminuição de chuvas no Pantanal nos últimos dez anos. A área úmida, característica marcante do Pantanal, caiu cerca de 16% no período. O problema da seca também tem se agravado na região por conta do aumento da exploração do território para produção agropecuária sem que haja um planejamento e manejo adequados. Isso é somado a fenômenos climáticos, como o La Niña, que também atingem a região.

Assim como Claudia Sala, Ikeda também defende que é preciso um

amplo diálogo com quem ocupa a região para encontrar soluções para os problemas que atingem o Pantanal. Mas indica que, de imediato, é preciso restaurar o que foi perdido, trabalhar para recuperar nascentes e vegetação já perdidas.

Já estão em andamento ações para mitigar o impacto do fogo no Pantanal, como a formação de brigadas comunitárias. De acordo com Claudia Sala, a rede também tem buscado parcerias para restaurar a vegetação nativa.

A pescadora Vanda Aparecida dos Santos vê uma mobilização importante para prevenir o cenário do ano passado. “Participamos da audiência pública sobre as queimadas, organizada pelo deputado Lúdio Cabral e foi interessante ver a preocupação tanto da sociedade civil organizada, como das instituições governamentais.”



Lúdio Cabral e Carlos Avallone participaram de audiências públicas com a comunidade

DESTRUIÇÃO

Incêndios no Pantanal prejudicaram o turismo



Avistamento de animais era uma das atividade mais procuradas antes das queimadas

Renata Neves

Mais de um milhão de hectares do Pantanal mato-grossense foram atingidos pelos incêndios florestais registrados em 2020. Além dos prejuízos incalculáveis à fauna e à flora, a destruição impactou diretamente o setor do Turismo, que já vinha sofrendo grandes prejuízos devido à pandemia da covid-19.

Segundo o presidente do Sindicato de Hotéis, Restaurantes e Bares de Mato Grosso, Luis Carlos Nigro, houve uma queda de mais de 80% do faturamento das empresas em 2020. Além disso, muitos estabelecimentos foram atingidos pelas chamas e tiveram parte ou toda a sua área natural queimada, como o Hotel Pantanal Mato Grosso, de propriedade de Nigro, que teve todo o espaço no entorno do prédio queimado.

“Primeiro tivemos a covid-19, que resultou em muitos cancelamentos de reservas em 2020, uma vez que 80% dos hóspedes que visitam o Pantanal são estrangeiros. Quando o movimento estava retornando, começaram os focos de incêndios e as poucas reservas foram

canceladas. Foi um ano perdido para o setor”, lamentou.

Fernanda Rocha, turismóloga do Sesc Pantanal, afirmou que as queimadas adiaram a reabertura dos hotéis da região, que já estavam fechados por conta da pandemia. Na época, o Sesc abriu sua estrutura para abrigar os agentes que atuavam no combate às chamas.

Proprietário de uma operadora de ecoturismo voltada à prática de

observação e da Pousada Araras Eco Lodge, localizada no eixo da Transpantaneira, André Thuronyi teve cerca de 65% das reservas canceladas em agosto e 85% no mês de setembro de 2020, por conta dos incêndios. Além disso, perdeu 30% da área de sua propriedade – equivalentes a 650 hectares.

Embora esteja há décadas na região, o pantaneiro e empresário disse que o fogo “pegou todos de surpresa” e que “ninguém acreditava que poderia tomar a proporção que tomou”. Ele acredita que diversos fatores contribuíram para que a situação chegasse ao nível que chegou.

A falta de preparo dos pantaneiros, segundo André, foi outro fator que colaborou para o avanço das chamas. Este ano, no entanto, eles receberam treinamento básico do Corpo de Bombeiros Militar e alguns equipamentos, como abafadores, para combater o fogo no início. “Estamos mais atentos e preparados para agir, caso precise. Também estamos agindo de forma preventiva, trabalhando com aceiros e fazendo a limpeza das margens da Transpantaneira”, contou.



As pousadas ficaram vazias, primeiramente por causa da pandemia e depois com os incêndios.